



SEMIFINAL



Inglaterra é a última fronteira entre o camisa 10 e a terceira final de Copa do Mundo. Se avançar com a Argentina, craque alcançará Pelé em campanhas finalistas e deixará Maradona para trás

Messi a passos bem largos em direção ao Rei



VICTOR PARRINI
ENVIADO ESPECIAL

Atlanta — Lionel Messi, 39 anos. Seis Copas do Mundo. Trinta e dois jogos. Vinte e uma bolas na rede. Dez assistências. Um título mundial. A Messi foi dado o que é de Messi em 2022. O título que lhe faltava era o desfecho perfeito. Só que gênios raramente convivem bem com finais. O jogador, eleito oito vezes o melhor do planeta, recusa-se a parar. Nele está a fé que move a Argentina depois de duas prorrogações e da classificação sofrida diante do Egito. Contra a Inglaterra, amanhã, na Mercedes-Benz Arena, em Atlanta, pode conduzir a Albiceleste à terceira decisão nas últimas quatro Copas, deixar Diego Maradona para trás e aproximar-se do único parâmetro que resta: Pelé.

Guardadas as diferenças entre

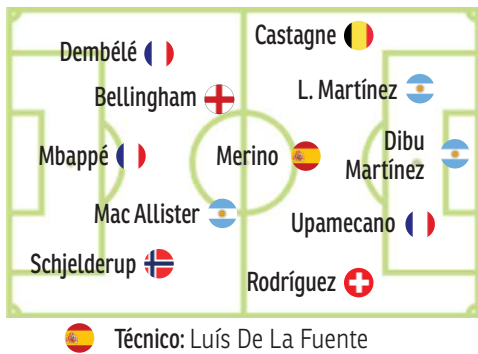
gerações, o debate sobre quem foi o maior não cabe nesta história. A semifinal contra a Inglaterra coloca Messi diante de outro desafio: aproximar-se de um feito que transformou Pelé em uma exceção nas Copas do Mundo. O Rei foi fundamental nas campanhas de 1958, 1962 e 1970. Embora tenha ficado fora da decisão no Chile por causa de uma lesão sofrida na fase de grupos, integrou a campanha do bicampeonato mundial e voltou a ser protagonista oito anos depois, no México. Na mesma corrida, Mbappé pode alcançar o tri pessoal (já esteve em 2018 e 2022), hoje, se bater a Espanha.

Messi já igualou Diego Maradona em número de finais de Copa do Mundo. Foi vice diante da Alemanha em 2014 e campeão contra a França em 2022. El Dios conduziu a Argentina às decisões de 1986 e 1990, também com um título e um vice contra os alemães. A semifinal diante da Inglaterra oferece ao sucessor a

Seleção dos estagiários do CB

RAFAEL LINS

As quartas de final reservaram jogos equilibrados e decisões nos detalhes. Argentina, França, Inglaterra e Espanha dominaram a equipe ideal, que também abre espaço para personagens de países eliminados.



Aponte o celular para o QR Code e confira as escolhas técnicas

oportunidade de ultrapassar o mestre e seguir na direção de Pelé.

Há um pacto na Argentina: jogar para Messi e por Messi. Os números ajudam a explicar. O camisa 10 participou diretamente de 10 dos 17 gols da atual campeã mundial na Copa, com oito bolas na rede e duas assistências. Quando a jogada não termina nos pés dele, começa por eles. Quando não toca na bola,

aponta caminhos, acelera movimentos e dita o ritmo da equipe.

A devoção ao capitão também ganhou voz. Os jogadores transformaram Messi em personagem das músicas entoadas antes e depois das partidas. Uma delas resume o espírito da campanha: "Pelas Malvinas, por Diego e pela última de Leo". Em um único verso, a seleção reúne a guerra que eternizou a rivalidade com a

Inglaterra, a memória de Maradona e o desejo coletivo de prolongar a despedida do maior ídolo da geração.

A classificação sobre a Suíça resumiu o momento vivido pelo camisa 10. Houve sangue, discussão com a arbitragem, assistência, sofrimento e alívio. O gol não veio pela primeira vez após nove partidas consecutivas balançando as redes, mas pouco importou. Messi continuou

sendo o centro gravitacional da equipe, mesmo sem marcar.

A caminhada da Argentina até a semifinal esteve longe de ser celestial. Foi construída quase como um livro do Velho Testamento, à base de provações. Houve pênalti desperdiçado, viradas, gols nos acréscimos, duas prorrogações consecutivas e uma carga física que começa a cobrar a conta às vésperas do duelo com a Inglaterra.

O desgaste coletivo ajuda a explicar um paradoxo. Aos 39 anos, Messi continua inteiro justamente porque a Argentina aprendeu a correr por ele. Em vez de exigir que o camisa 10 acompanhasse o ritmo frenético do futebol moderno, Lionel Scaloni reduziu a velocidade da equipe. A atual campeã mundial está entre as seleções que menos aceleram e menos percorrem distâncias em alta intensidade nesta Copa. A cadência passou a ser ditada pelo capitão. Quando Messi anda, a Argentina pensa. Quando acelera, todos o acompanham.



Divulgação/AFA

Hermanos vão atuar de azul contra os ingleses na semifinal

Argentina jogará com "camisa da sorte" de 1986

A Argentina entrará em campo com uniforme azul na semifinal da Copa do Mundo de 2026, amanhã, diante da Inglaterra de branco. A definição, divulgada ontem pela Fifa junto com as cores oficiais dos confrontos da fase decisiva, remete a uma das partidas mais emblemáticas da história dos Mundiais. Em 1986, no México, a vitória dos hermanos por 2 x 1 sobre os ingleses nas quartas de final teve as equipes utilizando as mesmas combinações.

Embora o modelo seja diferente do utilizado há 40 anos, a cor azul resgata a lembrança do uniforme vestido por Diego Maradona naquele confronto histórico. A escolha

ganhou destaque na imprensa argentina justamente pelo simbolismo em torno da partida que marcou a trajetória da seleção rumo ao bicampeonato mundial.

O duelo de 1986 ficou eternizado pelas atuações de Maradona. O camisa 10 marcou os dois gols da vitória argentina. O primeiro entrou para a história como a "Mão de Deus", enquanto o segundo recebeu o apelido de "Gol do Século" após uma arrancada que passou por quase toda a defesa inglesa antes da finalização. Agora, quatro décadas depois, Argentina e Inglaterra voltam a se enfrentar em uma semifinal de Copa do Mundo cercadas por um

novo capítulo da rivalidade.

A federação do país sul-americano, inclusive, mobilizou-se nos bastidores para utilizar a camisa da "sorte". Colocar o uniforme principal de lado também se baseia em uma experiência negativa de 2002. No reencontro entre os países na edição realizada conjuntamente por Japão e Coreia do Sul, os argentinos jogaram com o kit titular, enquanto os ingleses atuaram de vermelho. O resultado? Vitória dos europeus por 1 x 0, com gol de David Beckham, no duelo da fase de grupos. A superstição pode até não entrar em campo, mas os hermanos ganharam mais um motivo para crer em novo sucesso contra os rivais.

Amanda Pedersen Giske/AFP



Reconhecimento norueguês

Cerca de 90 mil torcedores deram uma calorosa recepção à Noruega, ontem, em Oslo, após a eliminação nas quartas de final da Copa do Mundo. A homenagem foi um reconhecimento ao melhor resultado do país no torneio.

DRIBLE DE CORPO NA COPA

MARCOS PAULO LIMA



Hey, Jude! Bellingham é o mantra da Inglaterra

Paul McCartney escreveu *Hey, Jude* em 1968 para consolar um menino. Julian Lennon tinha apenas cinco anos quando viu o casamento dos pais desmoronar. A música nasceu como um abraço, um convite para transformar tristeza em esperança. Quase seis décadas depois, ela continua ecoando pelos estádios. Mas agora o Jude não é mais o filho de John Lennon. É Jude Bellingham.

Quando a Inglaterra entra em campo, basta o camisa 10 tocar na bola para que milhares de vozes transformem arquibancadas em um gigantesco coral. "Hey, Jude..." Não é apenas uma homenagem. Virou uma declaração de confiança. Um país acostumado a colecionar decepções encontrou em um garoto de Stourbridge um novo motivo para acreditar.

Na noite em que a Noruega parecia pronta para interromper o sonho inglês em Miami, foi justamente ele quem respondeu ao chamado. Marcou o gol do empate quando a ansiedade ameaçava dominar a equipe de Thomas Tuchel. Na prorrogação, voltou a aparecer na área, como fazem os jogadores destinados aos grandes momentos, para marcar o gol da vitória por 2 x 1 e colocar a Inglaterra novamente entre as quatro melhores seleções do mundo.

Há atletas que participam dos jogos. Outros mudam a direção deles. Bellingham pertence ao segundo grupo.

A influência vai muito além dos números. Aos 23 anos, ele joga com a autoridade de quem atravessou uma carreira inteira. Não se esconde da bola, não se intimida diante da pressão e parece compreender intuitivamente

quando acelerar, quando controlar o ritmo e quando assumir sozinho a responsabilidade por uma partida.

O meia pensa como armador, conduz como um ponta, infiltra como centroavante e combate como volante. Poucos jogadores do futebol contemporâneo conseguem reunir tantas funções sem comprometer nenhuma delas. Talvez, seja essa a maior característica da geração dele.

Durante décadas, o futebol inglês produziu especialistas. Havia o volante incansável, o meia de lançamento longos, o atacante de área, o velocista pelas pontas. Bellingham representa outra escola. Formado entre o Birmingham City e o Borussia Dortmund, amadurecido no Real Madrid, tornou-se um jogador sem fronteiras táticas. É filho de um futebol globalizado, no qual inteligência vale tanto quanto força física.

Essa maturidade precoce explica por que a idade dele quase sempre desaparece das reportagens. Ninguém escreve sobre Bellingham pensando em um jovem talento. Escolhe palavras sobre um protagonista. Eles aparecem quando o roteiro exige.

Foi assim na Eurocopa de 2024, quando salvou a Inglaterra da eliminação com uma bicicleta inesquecível contra a Eslováquia. Voltou a acontecer nesta Copa do Mundo. Contra o México, conduziu a classificação às quartas de final. Diante da Noruega, carregou novamente uma seleção inteira nas costas. Não parece coincidência.

As grandes seleções sempre encontram um jogador capaz de alterar a temperatura emocional das partidas. O Brasil teve Pelé, Romário, Ronaldo e tantos outros. A Argentina encontrou Diego Maradona e depois Lionel Messi. A França viveu Zinedine Zidane e, agora,

Kylian Mbappé. A Inglaterra passou décadas procurando alguém assim.

Bobby Charlton envelheceu. Paul Gascoigne e Gary Lineker emocionaram, mas nunca chegaram ao topo. David Beckham transformou-se em ícone mundial. Steven Gerrard, Frank Lampard e Wayne Rooney simbolizaram uma geração brilhante incapaz de romper a barreira psicológica dos grandes torneios. Harry Kane devolveu competitividade aos ingleses, mas ainda carregava o peso de representar um país traumatizado por sucessivos fracassos.

Bellingham parece diferente. Ele não pisa no gramado como quem tenta reescrever a história da Inglaterra. Joga como quem acredita que a história começa agora. Essa, talvez, seja a maior virtude dele.

Não existe nostalgia para Bellingham. Não há fantasmas de 1966, nem lembranças das cobranças de pênaltis perdidos, nem medo de repetir fracassos recentes. A

geração dele cresceu assistindo ao mundo inteiro. Aprendeu a competir cedo, mudou de país ainda adolescente e passou a tratar os grandes palcos como rotina. É uma Inglaterra menos inglesa. Mais cosmopolita. Mais técnica. Mais confortável sob pressão. Não por acaso, o refrão de *Hey, Jude* também parece ter mudado de significado.

Quando Paul McCartney escreveu *take a sad song and make it better*, imaginava confortar uma criança. Hoje, a Inglaterra canta os mesmos versos para celebrar um jogador responsável por transformar décadas de frustrações em esperança renovada.

Ainda falta a semifinal. Talvez, falte a final. Talvez, falte erguer a taça que escapa desde 1966. Mas uma certeza já acompanha esta Copa. Sempre que o jogo pede um herói, a arquibancada inglesa sabe exatamente quem chamar. "Hey, Jude." E ele atende.